**GUIÃO DA CELEBRAÇÃO**

****

**Ritos iniciais**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação Inicial | Monição Inicial**

P. *Todos juntos na Arca da Aliança.*

No primeiro domingo da Quaresma, fomos conduzidos aos primórdios da Criação e entrámos com Noé na arca, confinados numa quarentena, para cuidar da vida e regenerar a humanidade. Com Noé descobrirmos o tesouro da nossa Casa Comum.

Neste segundo domingo da Quaresma, vamos até às raízes mais antigas da nossa fé, até às origens do Povo de Deus. E aí encontramos a figura patriarcal de Abraão. Ele tornou-se «nosso pai na fé» e nós fazemos parte da sua descendência incontável.

Por isso, nesta Eucaristia, queremos evocar e agradecer os que nos precederam na fé (Abraão, Moisés e Elias) e nos guiaram até Jesus, que é a Palavra definitiva do Pai na nossa história.

Queremos evocar e agradecer aqueles que estão nas raízes da nossa vida e nos transmitiram a fé, para estabelecermos com eles uma verdadeira aliança de gerações.

***Kyrie* | Ato Penitencial**

P. Pelas vezes em que somos pais e mães, que prendem a si os filhos, em vez de os tornarmos livres e capazes de escolher e de partir, Senhor, tende piedade de nós.

R. **Senhor, tende piedade de nós.**

P. Pelas vezes em que queremos construir um futuro sem raízes, como se o mundo começasse apenas a partir de nós, Cristo, tende piedade de nós.

R. **Cristo, tende piedade de nós.**

P. Pelas vezes em que descartamos os avós e bisavós, negando-lhes o espaço e o tempo, a oportunidade de falar, de agir, de intervir e de sonhar com os mais novos, Senhor, tende piedade de nós.

R. **Senhor, tende piedade de nós.**

**Oração Coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

* 1.ª leitura: *Gn* 22,1-2.9a.10-13.15-18
* Salmo 115: *Caminharei na terra dos vivos…*
* 2.ª leitura: Rm 8,31b-34
* Aclamação ao Evangelho: *Louvor a Vós, Jesus Cristo, Rei da eterna glória.*
* Evangelho: *Mc* 9,2-10

**Homilia no II Domingo da Quaresma B 2021**

**1.** Um dos mais belos tesouros da Bíblia é o relato desta cena dramática, a que se chama *o sacrifício de Isaac*, quando, na verdade, o único a sofrer nesta história é o pai Abraão. A sua fé, posta à prova até a um limite impensável, traduz-se na obediência incondicional à voz de Deus e na confiança absoluta na Sua providência. Nesta história, Abraão deve sacrificar não a carne do filho, mas o filho da carne, isto é, a sua vontade de ter e de reter para si o filho único, que tinha como apenas seu. E porque superou esta prova, libertando-se desse desejo de posse, Abraão tornou-se pai de uma multidão de crentes, pai de uma descendência incontável, de que todos fazemos parte. A figura de Abraão está, de facto, nas raízes mais primitivas da nossa fé. Curiosamente, os mesmos jovens, que ficaram à distância de três dias, à espera do regresso de Abraão e de Isaac (Gn 22,5), veem-no regressar sozinho, já desapossado do filho único, e voltar para juntos deles (Gn 22,19). Eis um ancião que sabe caminhar com os jovens, oferecendo-lhes a visão larga da Pátria Prometida, tornando-se para eles guia de sabedoria, uma bússola no caminho. Eis dois jovens com raízes, que dão asas e esperança aos sonhos do velho Abraão.

**2.** Queridos irmãos e irmãs: a promessa da descendência, na qual são abençoadas todas as nações da Terra, permite-nos lançar hoje um olhar sobre os nossos ascendentes, sobre os nossos maiores, sobre as nossas raízes familiares e sobre os que nos precederam na fé e no-la transmitiram. Abandonemos este preconceito mútuo, esta estranheza recíproca, que leva os mais velhos a dar como perdidos os mais novos e os mais novos a rotular os mais velhos como um produto fora de prazo de validade. “*Ao mundo nunca foi nem será de proveito a rutura entre gerações*” (*Christus vivit,* 191). Por isso, estabeleçamos uma verdadeira *aliança entre gerações*. “*A Igreja* – e podia dizer-se o nosso mundo, a nossa família – *é uma canoa, na qual os idosos ajudam a manter a rota, interpretando a posição das estrelas, e os jovens remam com força, imaginando o que os espera mais além*” (*Ib.,*201).É importante, pois, que os avós se encontrem com os netos e que os netos se encontrem com os avós, porque os avós diante dos netos sonharão, e os jovens, guiados pela sabedoria dos avós, seguirão em frente e profetizarão (Jl 3, 1; cf. At 2, 17).

**3.** Nesta 2.ª semana da Quaresma, vamos à arca da aliança descobrir e valorizar o tesouro das nossas raízes. Esta é uma semana para o reconhecimento dos anciãos. Por isso, deixo hoje um duplo apelo, aos mais novos e aos mais velhos:

**3.1.** Aos mais novos, peço-vos: acolhei a palavra sábia dos idosos, porque a vida não começou em vós, mas chegou-vos através deles; aprendei a cuidar deles com amor e generosidade! Não façais dos vossos avós ou bisavós *exilados ou escondidos, dentro da própria família*. Não pratiqueis, com os anciãos, uma espécie de *eutanásia cultural*, negando-lhes a oportunidade de falar, de agir, de intervir na própria família. Pergunto-vos: *Ouvis os avós? Abris o vosso coração àquela memória que os avós vos dão? Escutai os avós!* Não esqueçais: um idoso em casa é uma biblioteca viva!

**3.2.** Aos mais velhos, peço-vos: contai aos vossos netos e bisnetos as vossas histórias de vida, para que compreendam que uma existência sem amor é árida. Mostrai-lhe os sacrifícios que suportastes, para que percam o medo de se entregarem e desafiem o futuro com a coragem da esperança. Dizei-lhes como superastes, com a ajuda de Deus, as diversas provações da vida e da fé, para que sintam cada vez mais sede de Deus. Deixai-lhes como herança não o «haver», mas uma visão luminosa da fé, que os ponha «*a ver*» sempre mais alto e mais longe, na direção do Céu, nossa Pátria definitiva. Rezai com eles, ensinai-os a rezar e rezai por eles. Mantende a confiança de que os bons frutos que sonhais ver nos mais novos dependem das boas raízes, que sois vós, os mais velhos. Procurai gerar, pelo testemunho da vossa fé provada, uma incontável descendência espiritual!

O desafio é comum a todos, em família: estabelecer um pacto entre gerações, segundo este propósito: *todos juntos na Arca da Aliança*.

**Credo**

**Oração dos fiéis**

P. Senhor, Vós sois o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus de Moisés e de Elias, o Deus da Lei e dos Profetas, o Deus da aliança, sempre fiel ao Vosso Amor, de geração em geração. Contemplamos o Vosso rosto e escutamos a Vossa Palavra em Jesus Cristo, o Vosso Filho muito amado, morto e ressuscitado. Escutai as nossas orações. Nós Vos invocamos, dizendo:

R. **Senhor, guardai-nos todos juntos na arca da Aliança!**

1. Pela Santa Igreja:para que seja uma arca e uma barca de salvação, na qual os idosos ajudam a manter a direção, interpretando a posição das estrelas, e os jovens remam com força, imaginando aquilo que os espera mais além. Oremos.
2. Pelos que governam: para que promovam uma aliança de gerações, onde todos, dos mais velhos aos mais novos, possam dar o seu contributo de energia e de sabedoria, na construção de um mundo mais familiar. Oremos.
3. Pelos idosos, pelos avós e bisavós, exilados ou escondidos nas próprias famílias: para que lhes sejam reconhecidos os direitos de viver, de falar, de agir, de intervir. Oremos.
4. Pelas crianças, adolescentes e jovens: para que floresçam e frutifiquem, na vida, a partir do cultivo das suas raízes mais profundas, ancorados no testemunho e na memória agradecida dos seus ascendentes. Oremos.
5. Por todos nós: para que saibamos tecer fios de ligação entre todos os membros da família, para alcançarmos uma verdadeira aliança de gerações. Oremos.

P. Senhor, que não poupastes o Vosso Filho e com Ele nos dais todas as coisas, intercedei por nós, para que Vos sigamos pelo caminho da Cruz até à luz gloriosa da Ressurreição de Vosso Filho, Jesus Cristo, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Prefácio próprio | Santo**

**Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão**

**Ritos Finais**

**Caminhada da Quaresma à Páscoa: 2.ª semana**

P.Esta semana tiramos da arca o tesouro das nossas raízes. Façamos uma aliança de gerações, de modo a projetar os jovens para a frente, sem cortar as suas raízes. Com os jovens podemos ir mais depressa. Mas com os idosos iremos mais longe. O Senhor nos dê a graça de um verdadeiro encontro, de uma nova aliança entre gerações! Em família, encontraremos formas de valorizar as nossas raízes, por exemplo:

* Realizar a Liturgia Familiar proposta e/ou adaptada.
* Construir e colocar no cantinho da oração a nossa árvore genealógica.
* Rebuscar fotos antigas e colocá-las no cantinho da oração.
* Homenagear ou prendar os nossos avós… ou outros idosos.
* Rezar pelos que já partiram.

**Oração para a 2.ª semana da Quaresma**

*Senhor, Tu és o Deus do Amor,*

*fiel à Aliança, de geração em geração.*

*Obrigado pelas antigas raízes,*

*a partir das quais floresce e frutifica*

*a árvore bela da minha Vida.*

*Ensina-nos a construir com amor*

*uma verdadeira aliança de gerações,*

*onde caminham de mãos dadas*

*os avós e bisavós, os pais e os filhos,*

*as crianças, os adolescentes e jovens.*

*******Faz-nos sonhar juntos uma família,*

*onde há lugar para Ti e para todos.*

*Ámen.*

**Bênção e Despedida**

**Oração de bênção da mesa | II Domingo da Quaresma B | 28.2.2021**

Guia: Abençoai Senhor a nossa mesa; que ela seja sinal da aliança con’Tigo e da aliança de gerações, na nossa família. Fortalece-nos com o alimento interior da Tua Palavra, para que partilhemos o pão de cada dia e sintamos verdadeira fome do Pão da Eucaristia.

Todos: Ámen.

**OUTRAS HOMILIAS**

**II DOMINGO DA QUARESMA B**

**Homilia no II Domingo da Quaresma B 2018**

*«O amor não procura o próprio interesse»* (*1* *Cor* 13,5)

**1.** Na escada da Cruz, no caminho do amor, sobe-se descendo, ganha-se perdendo, alcança-se renunciando! Que o diga Abraão, que sobe o monte Moriá, para uma verdadeira prova de fogo! O homem, cujo nome se escreve com Amaiúsculo, deixara já a sua terra e os seus bens, para ser pai de um grande povo. Mas agora há ainda uma última posse, de que Abraão tem de ser libertado: a de Isaac, a quem chama «meu» filho (Gn 22,7-8). Subindo o monte Moriá, Abraão desce até ao abismo, empreende um caminho de renúncia total, dispondo-se a entregar o seu único filho, renunciando assim ao seu modo tão humano de o possuir. Em vez de sacrificar Isaac, Abraão deverá sacrificar sobretudo a sua vontade de o possuir como seu, como propriedade sua. Abraão passa a prova exatamente porque «*não reteve o seu filho*» (*Gn* 22,12.16). Deu-o. Desapossou-se dele. Deu-o a Deus e deu-se a Deus. E assim Abraão põe em evidência que a verdadeira fé purifica o amor, liberta-o de todas as amarras e alarga-lhe os horizontes, para que não se torne um amor possessivo, mas oblativo, porque «*o amor não procura o próprio interesse*», *«o amor não procura o que é seu» (1* *Cor* 13,5). O amor não sacrifica os outros, mas sacrifica-se pelos outros.

**2.** “*Fora da Cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu*” (CIC 618), recordamo-lo, semana a semana, nesta longa caminhada, pela escada da Cruz, na qual se sobe descendo e se desce subindo. E essa é também a experiência de Jesus, com os três discípulos, no monte santo do Tabor. Concluída a subida, é oferecida aos discípulos a antevisão da glória prometida, a luz transfiguradora da ressurreição. Todavia, os mesmos terão de descer do alto do monte, para abraçar, com Jesus, a sua Cruz, e subir com Ele até ao lugar do Calvário. Pedro queria “*reter”* para si aquele momento de glória, falseando os degraus da escada da Cruz, mas terá agora de os descer um a um e «*renunciar aos seus próprios interesses, para ter em conta os interesses de Deus*» (*Mc* 8,33), porque, também aqui, «*o amor não procura o próprio interesse»* *(1 Cor* 13,5).

**3.** Na Cruz, Deus dá testemunho do amor que Se entrega, até ao dom extremo da própria vida. Na Cruz, Deus não olha aos Seus próprios interesses, «*não poupa o Seu próprio Filho»* (*Rm* 8,31-34), mas entrega-O à morte por todos nós, para que no dom daquela vida oferecida alcance para nós a vida que tínhamos perdido.

**4.** Nesta 2.ª semana da Quaresma, “*movidos pelo amor que se entrega na Cruz*” deixemos transfigurar a nossa vida familiar e comunitária, através do exercício deste amor, que não se busca a si mesmo, que não procura a sua vontade, utilidade, comodidade ou prazer, porque *“é próprio da caridade querer mais amar do que ser amado”.* Um pai, uma mãe… amam o seu filho, muito antes e muito para além dos seus méritos e desejos. Amam-no *gratuitamente «sem nada esperar em troca*» (*Lc* 6,35), até àquele amor maior, que é sacrificar-se e *«dar a vida»* pelos outros (*Jo* 15,13). É em casa, a começar pela família, e a partir do exemplo de amor dos pais entre si e do amor dos pais aos filhos, que estes aprendem, na prática, a gratuidade do amor, a dar tudo e a vida toda pelos outros e até ao fim, segundo o mandato de Jesus: *«Recebestes de graça, dai de graça»* (*Mt* 10,8).

**5.** Para vivermos este amor não interesseiro, mas livre e gratuito, rezemos como São Francisco de Assis: “*Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado; mais compreender que ser compreendido; mais amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna”.* É descendo que se sobe pela escada da Cruz, “*de glória em glória*” (*2* *Cor* 3,8), até sermos transfigurados, à imagem de Cristo Ressuscitado!

**Homilia no II Domingo da Quaresma B 2018**

**Missa com Catequese [e nas promessas dos escuteiros]**

1. Há três montes, que é preciso escalar, para onde é preciso subir, descendo pela escada da Cruz:
   1. Primeiro, o monte Moriá, onde Abraão sobe com o seu filho Isaac, mas donde desce, já sem ele. Em vez de sacrificar Isaac, Abraão deverá sacrificar sobretudo a sua vontade de o possuir como seu, como propriedade sua. Abraão passa a prova exatamente porque «*não reteve o seu filho*» (*Gn* 22,12 e 16). Deu-o. Desapossou-se dele. Deu-o a Deus e deu-se a Deus. E assim Abraão põe em evidência que a verdadeira paternidade é dom e não domínio; os pais não são donos, mas cuidadores dos filhos, a quem não devem prender debaixo das suas asas, mas a quem devem dar asas para voar. Aqui se vê também que a fé purifica o amor, liberta-o de todas as amarras e alarga-lhe os horizontes, para que não se torne um amor possessivo, mas oblativo, porque «*o amor não procura o próprio interesse*», *«o amor não procura o que é seu» (1 Cor* 13,5). O amor não sacrifica os outros, mas sacrifica-se pelos outros. [Baden Powell disse um dia: “S*e um indivíduo não é capaz de se sacrificar pelos outros, não tem o direito de se chamar Homem*”].
   2. Depois temos o monte santo do Tabor onde Jesus leva e eleva os Seus mais íntimos amigos. O desafio desta subida é como o de *pôr uma escada e subir ao cimo do que vemos*. “*Que bom é estarmos aqui*”, exclama Pedro. É a experiência da beleza de uma vida que será oferecida até à morte e inteiramente transformada pelo amor! Mas daí, dessas alturas, os discípulos deverão descer, um a um, os degraus da Cruz, e «*renunciar aos seus próprios interesses, para ter em conta os interesses de Deus*» (*Mc* 8,33), porque, também aqui, «*o amor não procura o próprio interesse»* *(1 Cor* 13,5). [Os escuteiros, a começar pelos lobitos, conhecem esta 1.ª máxima: “O lobito não se escuta a si próprio”, o que significa: “O lobito pensa primeiro no seu semelhante”].
   3. Por fim, temos, no centro, o monte mais alto: o do Calvário. Ali, na Cruz, Deus dá testemunho de um amor que Se entrega até ao dom extremo da própria vida. Na Cruz, Deus não olha aos seus próprios interesses, «*não poupa o Seu próprio Filho*» (*Rm* 8,31-34), mas entrega-O à morte por todos nós, para que no dom daquela vida oferecida alcance para nós a vida que tínhamos perdido.
2. Assim, queridos irmãos e irmãs, na escada da Cruz, no caminho do amor, sobe-se descendo, ganha-se perdendo, alcança-se renunciando!
   1. Nesta 2.ª semana da Quaresma, “*movidos pelo amor que se entrega na Cruz*” deixemos transfigurar a nossa vida familiar e comunitária, através do exercício deste amor que não se busca a si mesmo, que não procura a sua vontade, utilidade, comodidade ou prazer, porque *“é próprio da caridade querer mais amar do que ser amado”.*
   2. Um pai, uma mãe… amam o seu filho, muito antes e muito para além dos seus méritos e desejos. Amam-no *gratuitamente «sem nada esperar em troca*» (*Lc* 6,35), até àquele amor maior, que é capaz de sacrificar-se e *«dar a vida»* pelos outros (*Jo* 15,13).
   3. É em casa, a começar pela família, e a partir do exemplo de amor dos pais entre si e do amor dos pais aos filhos, que estes aprendem, na prática, a gratuidade do amor, a dar tudo e a vida toda pelos outros e até ao fim, segundo o mandato de Jesus: *«Recebestes de graça, dai de graça»* (*Mt* 10,8). [Todos conhecem este 3.º princípio escutista: “O dever do escuta começa em casa”].
3. Para vivermos este amor não interesseiro, mas livre e gratuito, rezemos como São Francisco de Assis: “*Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado; mais compreender que ser compreendido; mais amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna”.* É descendo que se sobe pela escada da Cruz, “*de glória em glória*” (*2* *Cor* 3,8), até sermos transfigurados, à imagem de Cristo Ressuscitado!

**Homilia no II domingo da quaresma b 2015**

**1.** “*Levanta-te*”! Este é o segundo imperativo, nesta caminhada, para uma quaresma com Páscoa, que nos desafia a *abrir a porta à alegria do evangelho*! Jesus sente e pressente que os seus discípulos rapidamente caíram no desânimo, na escuridão da alma, na tristeza de coração, desde que Ele lhes anunciara, com toda a clareza, a proximidade da Sua paixão, morte e ressurreição. Por isso, Jesus desafia os seus mais íntimos, a desinstalarem-se, a levantarem-se da queda, para subirem com Ele à montanha, para escutarem a voz de Deus, para saborearem a presença do Senhor e passarem a ver a vida, a partir do alto, com olhos novos. A tentação de Pedro é a de ficar para sempre ao abrigo daquela zona de conforto. Mas não. A oração é um refúgio, mas não é uma fuga! Por isso, Jesus, diz também aos discípulos: “*Levantai-vos e não temais*” (Mt.17,7). A ordem é a de seguir em frente, corajosamente, em direção à meta, que é a sua Páscoa!

**2.** Muitas vezes, escutamos, na Palavra de Deus, este imperativo: «*Levanta-te*»! Escutou-O Abraão, chamado a caminhar na presença do Senhor. Escutou-O Jonas, chamado a anunciar a conversão à grande cidade de Nínive. Escutaram-no, sobretudo, os coxos, cegos, paralíticos, aleijados e mortos, a quem Jesus e os Apóstolos davam esta ordem: «***Levanta-te e anda***» (Mc.2,9;Mc.3,3; Lc.5,23; Lc.7,14; At.3,6;9,40;Ef.5,14). Hoje, esta Palavra é dirigida a cada um, em várias direções:

**2.1.** ***Em primeiro lugar, levanta-te para rezares!*** Jesus quer a tua companhia, na sua oração. Também Ele Se levantava muito cedo para rezar (Mc.1,35). Por isso, todos os dias, é preciso que te levantes, levantes os olhos para os montes, levantes as mãos para o céu. Não deixes nunca de rezar, de subires um pouco mais alto, de ires mais além, para entrares em oração, em intimidade e comunhão com o Senhor.

**2.2**. ***Em segundo lugar, levanta-te, para agires, para estudares, para trabalhares***. Uma vez que ouviste a voz de Deus, tens de despertar do nosso sono; deves levantar-te e agir (cf. Rm 13, 11). Em família, todos sabemos o que custa “levantar-se” da cama, da mesa, da oração, para voltar ao trabalho diário. A fé não te tira do mundo, mas insere-te mais profundamente nele. Caminha em profundidade, comprometido com a transformação do mundo, mas com a força da oração!

**2.3.** **Em terceiro lugar, levanta-te, para saíres ao encontro dos outros!** Não fiques de braços cruzados, queixando-te, lamentando-te, evitando as dificuldades, para que outros façam o que é da tua responsabilidade. É preciso que te levantes, não para fazer grandes coisas, mas para fazeres a tua parte, para saíres ao encontro dos outros e os servires, sem vacilares, diante das dificuldades da vida.

**2.4.** Em quarto lugar, ***levanta-te das tuas quedas e anda!***Não tenhas medo dos teus fracassos, não tenhas medo das tuas quedas. Na arte de caminhar, o que importa não é tanto «não cair», mas é sobretudo não «ficar caído». Por isso, uma vez caído, levanta-te, logo e depressa, e continua a caminhar! Esforça-te todos os dias, por seres melhor. E, neste caminho, procura não andares sozinho. Caminha em comunidade, com os amigos, com aqueles que te amam: isto ajudar-te-á, a chegares à meta.

**3.** Esta semana, escreve no verso da 2ª letra do puzzle, o nome de três pessoas, que te ajudam a levantar, ou de três pessoas que precisam da tua ajuda, para se levantarem, isto é, para se reanimarem, para retomarem a sua atividade. A cada uma delas, não te canses de dizer: “*Coragem. Levanta-te! O Senhor está a chamar por Ti***”** (Mc.10,49)**.**

**Homilia no II Domingo da Quaresma B 2012 (fórmula mais longa)**

**1.** Bem longo é o arco de tempo, que vai de Noé a Abraão! Mas agora a aliança de Deus, com a Humanidade inteira, vai passar pela escolha de um Povo, a quem Deus quer entregar uma Terra! Para isso, Deus chama e escolhe Abrão. Com Ele e através dele, Deus quer construir uma história de amor, uma vida em aliança com o seu Povo! A aliança, que Deus conclui com Abrão, é ainda e sobretudo uma Promessa: a promessa de um descendente, Isaac, «o sorriso de Deus» e, a partir dele, a promessa de uma grande descendência! Abraão não será apenas pai biológico de um filho chamado Isaac. Mas, pela sua fé, Abrão estará na origem de uma enorme descendência! E por isso tornar-se-á “*pai de uma grande multidão*” de crentes, como o sugere o seu novo nome: Abraão!

**2.** No coração desta aliança, está Isaac, o filho único de Abraão! Isaac era, para o velho pai, o sinal da promessa e da recompensa de Deus, era o penhor e a garantia da infinita descendência, que lhe fora prometida! Por isso, a prova a que é sujeita Abraão, no drama do sacrifício de Isaac, seu Filho único, «o filho a quem tanto ama», torna-se muito dura; parece pôr em causa a própria aliança, com Deus! Mas o drama terrível desta história e o seu desfecho maravilhoso põem em evidência que Deus dá a vida e não no-la tira nunca.

**3.** Neste Ano da família, em que queremos caminhar “*juntos na arca da aliança*” permitam-me tirar hoje dessa arca alguns tesouros de sabedoria:

**1.º** Com Abraão, aprendemos a ver os filhos, como um «sorriso de Deus», a ver cada filho, como um filho único, um dom inestimável, uma bênção divina e um tesouro para a família! “*No dom de um filho realiza-se sempre o bem comum da família” (João Paulo II, Carta às Famílias, 1994,n.11)*. Os filhos são o melhor património do vosso matrimónio! A partir daqui, cada pai, cada mãe pode e deve dizer: «*meus filhos, meus tesouros*»! Amai-os como Deus, antecipando-vos sempre no amor!

**2º** A paternidade espiritual de Abraão, «*pai dos crentes*», ajuda-nos a perceber que a vida só é dada totalmente a um filho, quando, com o nascimento, são dados também o amor e o sentido, que tornam possível dizer «sim» a essa vida recebida (cf. Bento XVI, Discurso, 5.06.2005). Chamar à vida um filho implica também oferecer-lhe o sentido que essa vida tem, no horizonte da sua relação com Deus. Por isso, a fecundidade dos pais, não se esgota na transmissão biológica da vida numa família humana, mas prolonga-se na educação e na transmissão viva da fé, no âmbito de uma vasta família divina, que é a Igreja!

**3º** Há uma voz que vem do alto e diz a Abraão: “*não levantes a mão contra o teu Filho, o teu filho único*”. A mesma voz, vinda do céu, diz aos discípulos: “*Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O*”. Numa palavra: o Pai diz que é preciso escutar o Filho. Sim: é preciso escutar Jesus, a Palavra eterna que se fez Carne, sem a qual nada percebemos da vida. Mas Deus pode dizer mais alguma coisa: “*escuta o Teu filho, o teu filho único*”, e mesmo quando são vários filhos, cada um é “único no mundo”! Ouve atentamente as suas perguntas! O Papa sugere-nos que, nesta quaresma, estejamos mais atentos uns aos outros.

**4.** Eu diria que Abraão nos ensina a escutar um filho, com as suas respostas diretas e incómodas, que preferíamos calar. Mais ainda: Abraão desafia-nos a dar respostas, que vão ao essencial: «*Deus providenciará*». Na verdade, «*todas as respostas que não chegam a Deus, são sempre demasiado curtas*» (Bento XVI). É mesmo preciso ouvir os filhos, para não os virmos a perder para sempre! É a voz do Pai que continua a dizer bem lá alto que é preciso escutar o Filho!

***(pode terminar aqui a homilia)***

**5.** Queridos irmãos e irmãs: permitam-me ainda fixar-me neste ponto: É mesmo preciso ouvir os filhos, para não os virmos a perder para sempre! Escutemos, sobretudo, as crianças. “Temos de aprender a escutar as crianças. Escutá-las não quer dizer obedecer-lhes, nem tão pouco responder afirmativamente a todos os seus desejos. Devemos aprender a escutá-las, para que elas aprendam também a escutar os adultos. Só se as escutarmos, poderemos saber aquilo que se passa com elas. Ao falar, ensinamos a falar. E ao escutar, ensinamos a escutar. Nós, adultos, só poderemos captar os seus medos, os seus complexos, as suas inseguranças e os seus receios se as escutarmos atentamente. Uma lição sem escuta prévia acabará por cair em saco roto. É preciso escutar as crianças, porque nelas subsiste uma dose imaculada de inocência. Dizem o que pensam, expressam de forma espontânea o que têm dentro, fazem afIorar as contradições em que os adultos caem. Por vezes, são incómodas, fazem-nos corar, quebram tabus, e nós, bem lá no fundo, pensamos que seria melhor se elas se calassem! Mas, precisamente por isso, há que escutá-las: são apóstolos da inocência. Esta transparência dói-nos, porque nos faz ver que o mundo que construímos poderia afinal ser outro” (Francesc Torralba, *A arte de saber escutar*, Ed. Guerra e Paz, Lisboa 2010, 121-125).

E pode mesmo, se ainda houver quem escute as crianças; e se porventura ainda houver daqui a algum tempo crianças para escutar! “Este é o Meu Filho único, escutai-O”! Escutai-O.

**Prefácio** próprio do II Domingo da Quaresma. **O.E**. II

**Pai-Nosso**: Pai e Filho. Abraão e Isaac. Deus e Jesus. Uma história de entrega. Uma por acabar. Isaac foi poupado. Outra levada ao fim: Deus não poupou o próprio Filho. Doravante nada e ninguém nos pode separar deste amor filial. Na mesma confiança e na mesma fé, ousamos dizer.

**Bênção e Despedida | Cântico final**

**Homilia na Missa com Catequese – II Quaresma B 2012**

**1.** Bem longo é o arco de tempo, que vai de Noé a Abraão! A aliança, que Deus conclui com Abrão, é ainda e sobretudo uma Promessa: a promessa de um descendente, Isaac, «o sorriso de Deus» e, a partir dele, a promessa de uma grande descendência! Abraão não será apenas pai de um filho chamado Isaac. Mas, pela sua fé, Abrão estará na origem de uma enorme descendência! E por isso tornar-se-á “*pai de uma grande multidão*” de crentes, como o sugere o seu novo nome: Abraão!

**2.** No coração desta aliança, está Isaac, o filho único de Abraão! Isaac era, para o velho pai, o sinal da promessa e da recompensa de Deus, era o penhor e a garantia da infinita descendência, que lhe fora prometida! Por isso, a prova a que é sujeita Abraão, no drama do sacrifício de Isaac, seu Filho único, «o filho a quem tanto ama», torna-se muito dura; parece pôr em causa a própria aliança, com Deus!

**3.** Neste Ano da família, em que queremos caminhar “*juntos na arca da aliança*” permitam-me tirar hoje dessa arca alguns tesouros de sabedoria:

**1º** Com Abraão, aprendemos a ver os filhos, como um «sorriso de Deus», a ver cada filho, como um filho único, um dom inestimável, uma bênção divina e um tesouro para a família! Os filhos são o melhor património do vosso matrimónio! Cada pai, cada mãe pode e deve dizer: «*meus filhos, meus tesouros*»!

**2.º** A paternidade espiritual de Abraão, «*pai dos crentes*», ajuda-nos a perceber que chamar à vida um filho implica também oferecer-lhe o sentido que essa vida tem, no horizonte da sua relação com Deus. Por isso, a fecundidade dos pais, não se esgota na transmissão biológica da vida numa família humana, mas prolonga-se na educação e na transmissão viva da fé, no âmbito de uma vasta família divina, que é a Igreja!

**3.º** Há uma voz que vem do alto e diz a Abraão: “*não levantes a mão contra o teu Filho, o teu filho único*”. A mesma voz, vinda do céu, diz aos discípulos: “*Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O*”. Numa palavra: o Pai diz que é preciso escutar o Filho. Sim: é preciso escutar Jesus, a Palavra eterna que se fez Carne, sem a qual nada percebemos da vida. Mas Deus pode dizer mais alguma coisa: “*escuta o Teu filho, o teu filho único*”, e mesmo quando são vários filhos, cada um é “único no mundo”! Ouve atentamente as suas perguntas! Abraão ensina-nos a escutar um filho, com as suas respostas diretas e incómodas, que preferíamos calar. Mais ainda: Abraão desafia-nos a dar respostas, que vão ao essencial: «*Deus providenciará*». É a voz do Pai que continua a dizer bem lá alto que é preciso escutar o Filho!

**4.** Temos de aprender a escutar as crianças. Escutá-las não quer dizer obedecer-lhes, nem tão pouco responder afirmativamente a todos os seus desejos. Devemos aprender a escutá-las, para que elas aprendam também a escutar os adultos. É preciso escutar as crianças. Elas dizem o que pensam, fazem afIorar as contradições em que os adultos caem. Por vezes, são incómodas, fazem-nos corar, pensamos que seria melhor se elas se calassem! Esta transparência dói-nos, porque nos faz ver que o mundo que construímos poderia afinal ser outro” (Francesc Torralba, *A arte de saber escutar*, Ed. Guerra e Paz, Lisboa 2010, 121-125).

**5.** E pode mesmo, se ainda houver quem escute as crianças; e se porventura ainda houver daqui a algum tempo crianças para escutar! O desafio vem do alto, vem do Pai, e merece ser levado a sério: “Este é o Meu Filho único, escutai-O”!

Homilia no II Domingo da Quaresma B 2009

***“Se Deus está por nós, quem estará contra nós” (Rom.8,31)?***

**1.** Paulo prepara-se, para a última viagem, para o último combate. Não teme, por nada, a espada da dor, da condenação, da prisão, da própria morte! Ele acredita na vitória, ele tem esperança no triunfo do amor. Ele sabe bem de que lado está Deus! Conhece o seu louco amor, por si e por todos nós! Deus, que não poupou o Seu próprio Filho, não nos há de faltar com nada, na hora da prova, no meio da luta, no campo de combate. A entrega de Seu Filho é a «*prova provada*» de que não há limites ao amor de Deus, por nós. Mais adiante, o Apóstolo concluirá o seu hino, dizendo, que «*nada e ninguém nos pode separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus*: *nem a tribulação, nem a angústia, nem a perseguição, nem a fome, nem o perigo, nem a espada*»! Paulo canta assim um hino de vitória, antes do fim do combate! Ele não se poupa a nada! Nem tão pouco será poupado ao fio da espada, no seu glorioso martírio.

**2.** Jesus, de algum modo, faz o mesmo com os discípulos, que estão aterrados, até ao fundo, pelo medo da Cruz. "*A primeira coisa que o Senhor opera no coração dos seus amigos, quando eles se tornam fracos, é dar-lhes coragem e tirar­-lhes o medo do sofrimento*" (Santa Teresa de Ávila). Para isso, Jesus mostra-lhes, por antecipação, a vitória da Ressurreição, que virá no fim do grande combate. Mostra-lhes a Luz da manhã de Páscoa, para lá das sombras da Cruz e da morte. No alto do monte, os discípulos podem, assim, tomar altura, retemperar forças, ganhar ânimo, para descer, de seguida, com Jesus, ao campo de batalha e subir com Ele, para o seu último combate, em Jerusalém. A transfiguração é uma espécie de «*descanso do guerreiro*»! Mas o combate está pela frente.

**3.** Nesta semana – queridos irmãos e irmãs – propomo-nos gravar no círio pascal a *espada de Paulo*. Não se trata da espada da violência, que o próprio Jesus mandou meter na bainha (cf. Mt.26,52), mas sim da espada do combatente, que não luta por um lugar ou por uma carreira, mas luta pela fé, pela verdade, pelo amor! Gravar esta espada é, de algum modo, dizer a si mesmo, «*não tenhas medo; Deus ama-te. Está contigo e do teu lado*». E precisaremos muito de o dizer, sobretudo nos momentos de crise, de desilusão, de perseguição, de desânimo, de medo, de orfandade, quando parece que todo o mundo está contra nós e que não entende a nossa luta pela verdade e o nosso compromisso, por um mundo novo.

**4.** Estamos – queridos irmãos e irmãs - a viver esta Quaresma, no meio de uma aguda crise social e económica, na iminência de uma implosão social. Não podemos deixar cair os braços! Precisamos de vencer o desafio desta crise, puxando do cutelo ou da espada, para lutar corajosamente! As práticas associadas à Quaresma, como o jejum e a partilha, uma maior sobriedade e uma ágil solidariedade, são um verdadeiro “laboratório” contra a crise.E se resultar, que dure por mais de quarenta dias.

**5.** E de que espada(s) precisaremos, para vencer o combate?

a) Afiemos e afinemos «*a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus*» (Ef.6,17)! É preciso ouvir a mais a Palavra de Deus, obedecer à voz do Pai, que nos manda escutar o seu Filho. Deixemos que esta Palavra, que é sempre como uma «*espada de dois gumes*» (Heb.4,12), ponha a nu a raiz desta crise em que mergulhamos. Na raiz, está o erro e a malícia moral, de atitudes pessoais e comportamentos sociais, de egoísmo, avareza e indiferença.

b) Tomemos, como Paulo «*a espada da verdade*», sem subterfúgios, sem aparências, sem meias-medidas ou ambiguidades. Tenhamos mesmo a coragem de trespassar o nosso coração com «*a espada da verdade*», através da *Confissão sincera e integral dos nossos pecados*. A verdade pode doer, pode ferir! Mas o sofrimento é a garantia necessária da verdade!

c) Por isso, e por último, esta espada é também «*a espada da dor e do amor*», da entrega e do sacrifício. Quando falta a disposição para o sofrimento, falta o essencial da prova da verdade! O nosso combate só pode ser o com­bate daqueles que estão dispostos a dar-se totalmente! "*Quanto a mim, -* disse Paulo *- de bom grado darei o que tenho e dar-me-ei a mim mesmo total­mente, em vosso favor*" (II Cor.12,15).

Irmãos: A espada de Paulo passa agora para a nossa mão! Fique gravada no círio, como se atravessasse, de um ao outro lado, o nosso próprio coração!

**Homilia no II Domingo da Quaresma 2006**

*«Da nuvem fez-se ouvir uma voz: Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O»!*

**1.** É agora a própria *voz do Pai*, que dá testemunho do seu Filho. E o Filho de Deus revela-se aos discípulos, em todo o esplendor da sua beleza! Eles hão-de vê-lo, dentro de poucos dias, estirado na cruz, feito «*homem das dores*», «*sem beleza e sem graça*» (Is.53,2). Mas hão-de, depois, contemplar «***o mais belo entre os Filhos dos Homens****»* (Sal.45,3), ressuscitado de entre os mortos! Na Transfiguração, Jesus oferece aos seus mais íntimos discípulos, a visão plena do seu rosto humano e divino, do seu rosto doloroso e do seu rosto glorioso. E o Pai acena-nos, desde já, o caminho do verdadeiro conhecimento de Jesus, a via da sua contemplação: «***Escutai-O***».

**2.** ***Escutai-O!*** Jesus é a revelação definitiva de Deus. “*Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, Deus falou-nos, por fim, através de Seu Filho*” (Heb.1, 1-2). Moisés e Elias, que ali aparecem «*em glória*», acenam para Jesus. Agora a Lei e os Profetas, e por assim dizer, todo o Antigo Testamento, se esclarece, se confirma e se cumpre em Jesus. Jesus é a Palavra definitiva do Pai. É, por isso, a Ele, que deverão doravante escutar. “*A Ele escutai*», diz literalmente o texto. Só, pela escuta de Jesus, Palavra de Deus, se pode verdadeiramente entrar na nuvem do seu mistério e contemplar toda a sua beleza.

**3.** Também nós desejaríamos, no caminho da vida e da fé, poder «***entrar na nuvem***», partilhar, como os discípulos, desta intimidade amorosa com o Pai, deste conhecimento pleno do Filho, desta luz gloriosa do seu Espírito Santo. Mas como chegar aí? «**Escutai-O**», diz o Pai. De facto, é preciso escutar, obedecer a essa voz íntima do amor, para conhecer e seguir Jesus. Todavia, “***a contemplação do rosto de Cristo, não pode inspirar-se senão naquilo que se diz d'Ele na Sagrada Escritura***” (NMI 17).

4. Porque é tão importante o contacto vital com a Sagrada Escritura, para chegar a escutar o Filho e a contemplar a beleza do seu rosto?!

- Porque, em primeiro lugar, a voz do Pai, faz-se próxima de nós «nos livros sagrados». ***Com diz o Concílio, «nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles***» (DV21). Devemos, por isso, aprender a ler, a meditar e a rezar com a Bíblia, com toda a Bíblia, mesmo com o Antigo Testamento. A Sagrada Escritura está, do princípio ao fim, permeada pelo mistério de Cristo; mistério obscuramente esboçado no Antigo Testamento e revelado plenamente no Novo. «***O Antigo está patente no Novo e o Novo Testamento está latente no Antigo***» (cf. DV 16), de tal maneira que S. Jerónimo afirma sem hesitar: «***A ignorância das Escrituras é ignorância do próprio Cristo***».

- De modo especial, o nosso conhecimento de Cristo, deve ancorar-se no testemunho verdadeiro e credível dos evangelhos. Os quatro evangelhos são como que o coração de toda a Bíblia (cf. DV 18). Neste ano litúrgico, era interessante entrar na nuvem do conhecimento do Filho do Homem e do Filho de Deus, lendo o Evangelho mais pequenino, de São Marcos. Sem conhecer os Evangelhos, apenas chegaremos à *imaginação* do rosto de Cristo!

- Por último, se permanecermos ancorados na ***Sagrada Escritura***, o nosso coração abrir-se-á também à acção do Espírito Santo (cf. *Jo* 15,26), daquele mesmo Espírito Santo que inspirou os autores sagrados a escrever. É esse Espírito Santo que nos ensina a rezar e nos introduz na comunhão íntima de amor entre o Pai e do Filho.

**5.** Queridos Irmãos: Vale a pena conhecer as Escrituras, conhecer o seu autor, a Mensagem e os personagens. Deste modo, no itinerário de transfiguração, nunca nos sentiremos sós. Estão connosco a acompanhar-nos “*essa grande nuvem de testemunhas*” (Heb.12,1): desde Abraão, nosso pai na fé, que obedeceu à voz de Deus, passando por Moisés, que falava com Deus face a face, sem esquecer Elias, que ardia de zelo pelo Deus vivo, até nos reconhecermos em Pedro, Tiago, João, que conheceram e seguiram Jesus. Eles nos ajudarão a subir o nosso Tabor, a permanecer ali na luz da transfiguração e a descer em direcção ao amanhã, que Deus nos prepara! «*Rodeados de tal nuvem de testemunhas, corramos com perseverança, para o combate que se apresenta diante de nós, fixando os olhos em Jesus, guia da nossa fé e autor da sua perfeição*» (Heb.12,1-2)!

**Homilia no II Domingo da Quaresma B**

**1.** «*Antes de celebrar a Páscoa, percorra a sua Via-Sacra*». Não pensem que é algum anúncio religioso do canal 40 da TV Cabo, ou um apelo quaresmal bem conseguido da nossa Conferência Episcopal. Não fosse tratar-se de publicidade a umas peças em ouro de 24 quilates, com as figuras da via-sacra, a campanha bem poderia funcionar às portas de qualquer Igreja, neste tempo santo de Quaresma. O «*outdoor*», junto das paragens de autocarro, é um bom cartaz para a época, particularmente neste Domingo da «Transfiguração»… em que é «*proibido estacionar*»!

**2.** De facto, depois do primeiro anúncio da Paixão, imaginamos como os discípulos deverão ter entrado em estado de choque. Era pesada de mais a ideia da cruz, para as suas esperanças gloriosas em Jesus. Eles imaginariam, da parte do Mestre, uma espécie de “*operação triunfo*” sem a «*via-sacra*» do esforço, sem os passos da subida, sem o suor da fadiga, sem o preço da entrega, até à morte e morte de cruz. Jesus percebe-lhes esse medo e lê-lhes nos olhos alguns sintomas de ilusão óptica e de confusão mental. Diante do futuro de Jesus, os discípulos ora ficavam paralisados pelo medo da Cruz, sem projectar sobre ela a Luz da Páscoa gloriosa. Ora imaginavam a Luz da Páscoa, sem qualquer sombra da Cruz. A Transfiguração obriga-os ao esforço da subida. Para, do alto, contemplarem a verdade inteira e a vida toda… de Jesus.

**3.** Diante de Jesus, transfigurado, os discípulos experimentam a beleza da glória de Deus, que resplandece no rosto do seu Filho Jesus. De certo modo, Jesus antecipa, para os seus mais íntimos, a Luz da sua Páscoa, para os ajudar a aceitar, depois, com esperança forte e animada, o caminho doloroso da Cruz.

Mas a reacção dos discípulos ao dom da transfiguração é tentar deter a beleza de que fizeram a experiência. «*Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos, pois três tendas: uma para ti, outra para Moisés, outra para Elias*». De certo modo, é a tentação de **estacionar**. De ficar ali, de não ir mais além, de não querer mais nada. Eles estão «*atemorizados*», têm medo do futuro. E preferem não «*aterrar*», não descer nem subir, não ousar nem investir, não dar nem arriscar mais nada, agora que a «glória» lhes parece ter caído do céu! No registo de outro evangelista, Jesus sacode-lhes o marasmo e fá-los sair ou cair das nuvens, com palavras de ânimo e realismo: «*Levantai-vos e não tenhais medo*» (Mt.17,7).

**4.** Caríssimos irmãos e irmãs: Não raro, na nossa vida, nós, como os discípulos, ora ficamos colados à nossa dor e manietados pelo medo da cruz, ora nos iludimos com a glória “de momento”, descansando no sucesso já alcançado. De certo modo, ou nos fixamos na Cruz, perdendo de vista a Luz da Páscoa, ou nos encandeamos com o brilho efémero do sucesso, fugindo a sete pés da Cruz. No primeiro caso, a falta de luz na Cruz, conduz-nos ao túnel do medo e da depressão. No segundo, a intensidade da Luz, sem a sombra da Cruz, faz-nos permanecer no mundo da ilusão. Numa e noutra coisa, o sinal de aviso de Jesus é este: **é proibido estacionar**. A amizade com Jesus não é paralisante. E se ele nos convida a subir, é porque nos quer fazer vencer o comodismo, a rotina, os caminhos já feitos, os hábitos adquiridos. Se não vale a pena chorar misérias, que não pagam dívidas, também não vale a pena viver de glórias passadas. É proibido «estacionar». Porque parar de vez é morrer.

**5.** Para nos curarmos quer do medo paralisante da Cruz, quer da ilusão ligeira da glória passageira, é preciso, como os discípulos, escutar o apelo que vem de cima. Não dar ouvidos senão a Jesus. «*Este é o Meu Filho, muito amado. Escutai-O*». Não pôr os olhos senão em Jesus. «*De repente, olhando em redor,* ***não viram mais ninguém****, a não ser Jesus, sozinho com eles*». Então quando Jesus ocupar o centro do nosso ouvir e do nosso olhar, será mais luminosa a sombra da Cruz. E terá mais assombro a Luz da sua Páscoa gloriosa. Na verdade, «toda a nossa glória está na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Gal.6,14). Por isso, como diz o tal anúncio, «*antes de celebrar a Páscoa, percorra a sua Via-Sacra*».

***Homilia no II Domingo da Quaresma B***

Isaac não era apenas um menino. Era sobretudo o sorriso e a surpresa absoluta de Deus, na vida já gasta do velho Abraão. Era “*o seu Filho Único*”. O “*filho da Promessa*”, aquele a quem tanto amava. Um encanto de menino, cuja vinda ao mundo reacendera a esperança quase apagada de Abraão. A sua infante companhia animava-lhe os seus passos já cansados. Lia na sua fronte o sinal da fidelidade de Deus às suas promessas. Era, na verdade, uma *graça* aquele Menino. E, de repente, Aquele que lho dera, parece pedi-lo, de volta. Abraão cala a voz do sangue e obedece à voz do Alto. E, na iminência da morte do menino, um grito ecoa em defesa do silêncio de um inocente: «*Não levantes a mão contra o Menino. Não lhe faças mal algum*».

É um grito divino que salva uma vida inocente. Uma voz interior que ecoa no mais profundo do coração de Abraão: «*não mates*»; *não lhe faças mal algum*». Porque o Deus de Abraão, o Deus de Isaac... é o Deus da Vida. E a vida da pessoa não pode ser ameaçada por nenhuma vontade humana. Porque esta vida não é um produto de concepção. Um composto de ossos, de carne e de sangue. É o Dom de uma existência única e pessoal, que transcende o pai e a mãe. Que brota do amor de Deus e n’Ele se há-de «transfigurar». Toda a vida humana deve ser acolhida como Dom anterior à nossa vontade, como um *Mistério de amor* maior que os nossos desejos e previsões. Esta vida deve ser acolhida e dada, para ser vivida e comunicada aos demais. É sempre um «Dom».

O Deus de Abraão e de Isaac é um Deus que quer a Vida do Homem, que ama cada um de nós, que nos quer como seus «filho queridos», um Deus, que só tem «filhos únicos». E por isso, não só nos chama à Vida, como no-la defende. Ele continua atento ao fluir da nossa vida e acompanha-a gritando na iminência da sua ameaça: «*Não toques no teu filho*».

O grito de Deus ecoa de novo, na consciência de cada Homem e de cada Mulher, cada vez que este/a é tentado a sacrificar uma vida humana, seja com que fim for. E ecoa, mesmo na consciência dos que dizem não acreditar n’Ele ou dos que fingem estar de boa consciência... Ecoa, como um grito de alarme, não por causa de uma lei civil que se cumpre ou infringe. Mas porque esta voz é um rumor que toca o homem e a mulher por dentro, uma lei que não vem escrita nos livros de moral ou nos códigos de Direito. Está em não sei que página da alma da pessoa. Está dentro, muito dentro, no pórtico da Vida.

Pelo que, no debate que agora se fez sobre o aborto, esquecemos que não se pode discutir este problema a seco, como se se tratasse de extrair um tumor ou coser uma hérnia. O aborto não é uma questão aberta pela Igreja Católica mas, se quiserem, por esse legislador que é a Natureza e que não costuma amnistiar transgressões.

E sempre que o homem procura iludir a sua consciência com a desculpa dos seus *altos interesses*, ouve-se no local do crime o rumor dos seus passos. Com a voz que sabemos: “*Que fizeste da vida de teu irmão*”?... E com o grito que jamais se calará: «*Não levantes a mão contra o menino*».

**Homilia no II Domingo da Quaresma/B**

**1. Na noite de Abraão, a luz imensa da fé.**

Um pai, tão grande como o nome: Abraão. Deixara a terra, a família, os bens, o jogo seguro da sua vida já gasta, a troco de uma promessa: uma terra, uma descendência. O filho Isaac era o sinal e o princípio dessa descendência. Quando tudo parecia já feito e perfeito, Deus vem de novo ao encontro de Abraão. Parece dar o dito por não dito e decide pô-lo à prova. Pedia-lhe a morte do filho, oferecido como cordeiro em sacrifício. Era a noite para Abraão. A noite da fé. Ele não entendia. Não podia compreender. Não podia atingir o porquê daquele «impossível». Era o filho. Era o Filho Único. Mais, era o «Sinal» dado por Deus de que d’Ele nasceria um povo novo, uma descendência inumerável. Matar o filho era desmentir a promessa. Deus, que já tinha transtornado o passado de Abraão, parece agora queimar-lhe o futuro... Mas Abraão partiu. Num silêncio sofrido, numa confiança ilimitada, o Pai sobe com o Filho ao alto do monte. O filho, surpreendido pela falta do cordeiro, o pai provado até ao limite... Só uma luz lhe parece iluminar a noite. «*Deus providenciará*»! Deus lá sabe. Ele é o Senhor da Vida. Ele me conduz! Eu nada sei. Eu julgava já ter dado provas ao deixar o passado, mas o Senhor chama-me de novo e eu espero na sua Palavra...Contra toda a esperança, ele esperou. Obedeceu. Confiou. Partiu. Isto é, **acreditou**! E na hora «agá» o Senhor vem. Traz como prémio uma bênção, a promessa de uma descendência como as estrelas do Céu... A fé de Abraão na Palavra fiel de Deus foi o seu farol de luz, na noite da provação.

**2. Na noite da Cruz de Cristo, a luz do Ressuscitado.**

Na hora da Cruz, o Pai vai mesmo entregar o seu Filho Único. Jesus sabe que a noite se aproxima. Que é a hora da dor, da prova, das trevas, da noite. E sabe como os discípulos terão dificuldade em aceitar a Cruz. Sabe do desânimo, da alergia e do medo à Cruz. Por isso, leva os mais íntimos ao alto de um monte. Aí lhes transforma o olhar. Aí lhes revela antecipadamente a glória escondida pelo véu da sua humanidade. E Eles vêem o outro rosto de Jesus. Vêem o seu fim glorioso. O final feliz. Pedro já queria acabar ali a história. Não sabia o que dizia. Não sabia que era preciso passar ainda pela Cruz. Não sabia que era de noite. E que apenas um relâmpago de Luz os iluminava por um instante, para avançarem no caminho. Foi um pouco isto a Transfiguração. Foi um momento de Luz para avançar no caminho das provações. Foi a Ressurreição antecipada para aguentar e dar sentido ao caminho da Cruz. Foi mostrar o prémio para animar o combate. Foi dizer que no fundo do túnel da prova e da morte se abria um raio eterno de luz e de vida.

**3. «Se me envolve a noite escura, nada temo, porque a Luz está comigo»!**

Creio que todos experimentamos esta noite da provação, da cruz, da entrega. Sofremos nas provações, sofremos mais quando nada entendemos, quando não se faz luz para nós, quando parece um absurdo, um sem-sentido o que nos acontece. A prova de Abraão atingia o limite da fé, porque o máximo do absurdo. Mas o filho foi poupado. Mas a prova de Jesus chegou mesmo ao sacrifício da morte. Não fomos nós que fomos aí postos à prova. Foi Deus que assim provou o seu amor por nós. É esta a luz que deve iluminar a nossa noite. «*Se Deus é por nós, quem será contra nós*»? Se Ele já provou o seu amor, dando-se no Filho, se Ele deu tudo o que podia dar, se Ele a nada se negou...se Ele por nós morreu e ressuscitou...se é assim...ainda hoje, que sinal de Luz maior podemos querer para o duro caminho da provação? A Luz ilumina a noite. Mas não elimina a escuridão. A noite permanece. Mas a Luz faz-nos avançar no caminho. É assim. Precisamos de um sinal quando tudo parece cair sobre nós. Mas Deus já deu esse sinal ao entregar seu Filho à morte por todos nós e ao fazer da sua morte o pórtico da Vida.

Mesmo na noite da prova, Deus nos tem em suas mãos e nos conduz, com a **luz da fé** que nos faz obedecer, com a **luz da Ressurreição** que nos enche de esperança, com a **luz do seu amor** que tanto nos anima. «*Se me envolve a noite escura e caminho sobre abismos de amargura, nada temo, porque a Luz está comigo*» (São João da Cruz). «*Se Deus está por nós, quem será contra nós*»?

**Homilia no II Domingo da Quaresma B 2003**

# Homilia Missa com Crianças II Quaresma B

1. Os amigos são para as ocasiões!
   1. estão connosco nos momentos mais importantes;
   2. a eles confiamos os segredos mais importantes;
   3. procuramo-los nos momentos mais difíceis;
   4. é bom estarmos juntos.
   5. Quem não gosta de ter amigos?
   6. Quem não precisa deles?
2. Jesus também tinha amigos. Tinha o grupo dos 12. E entre os doze, três muito especiais: Pedro, Tiago, João. E chama-os:
   1. num momento importante (próximo da morte e ressurreição);
   2. tem um segredo para lhes confiar: o da sua morte e ressurreição;
   3. Procura-os para se sentir mais forte;
   4. Pedro sente-se bem junto de Jesus: «que bom é estarmos aqui».
3. Qual o segredo que o Pai tem para dizer:

Este é o Meu Filho muito amado;

É o Filho que é amado pelo Pai;

É o Filho que morre e dá a Vida.

É o nosso maior amigo.

1. Que vamos fazer?
   1. fazer companhia a Jesus: Oração, Eucaristia
   2. escutá-lo: Catequese, Silêncio;
2. Sem isto não há amizade. Se não rezamos não é por falta de tempo. É por falta de amor. Se não vimos à Eucaristia não é por esquecimento. É por pouca amizade. Vamos fortalecer a nossa amizade com Jesus.

[**A SOLENE EXPOSIÇÃO DO FILHO**](http://mesadepalavras.wordpress.com/2012/03/03/a-solene-exposicao-do-filho/)

Março 3, 2012

**1.** Baptizado com o Espírito Santo (Marcos 1,9-10), chamado pelo Pai «o Filho meu», «o Amado» (Marcos 1,11), tentado durante quarenta dias no nosso deserto, mas superando a prova, dominando pela doçura os animais e a nossa selvagem animalidade, Jesus totalmente vinculado ao Pai, pois d’Ele é o Filho, o Amado, vincula-se também à nossa humana condição e vincula-nos a Si («Vamos» [*ágômen*]: o mesmo dizer vinculativo em Marcos 1,38, na hora da Missão, e Marcos 14,42, na hora da Paixão), refazendo os nossos caminhos há muito por nós abandonados. O seu caminho filial baptismal é agora também o nosso caminho.

**2.** O Evangelho de Marcos refere, de facto, que Jesus nos fez deixar para trás os nossos planos (Marcos 1,37), e nos levou consigo, na hora da Missão, a Anunciar o Evangelho de Deus pelos caminhos da Galileia (Marcos 1,38), prolepse fantástica da inteira vida cristã, discipular e apostólica: com Jesus nos caminhos da sua Missão, que passam também pelo caminho da sua Paixão (Marcos 14,42). A locução «no caminho» (*en tê hodô*), usada sobretudo na importante secção do seguimento de Jesus «no caminho» (Marcos 8,27-10,52), fazendo-se aí ouvir por cinco vezes (Marcos 8,27; 9,33.34; 10,32.52), ajuda-nos a compreender ainda melhor que o discípulo de Jesus deve aprender a «dizer vigorosamente não» (*apernéomai*) a si mesmo (Marcos 8,34), expressão fortíssima empregada no texto grego de Isaías para dizer «desfazer-se dos seus ídolos de ouro e prata» (Isaías 31,7), para fazer completamente seu o mesmo caminho de Jesus.

**3.** É assim que chegamos ao Evangelho deste Domingo II da Quaresma (Marcos 9,2-10), em que nos é mostrada, no meio do caminho de Jesus, a cena extraordinária da Transfiguração de Jesus. A iniciativa começa por ser de Jesus, que toma consigo (*paralambánô*) Pedro, Tiago e João, e os faz subir (*anaphérô*) a um monte alto, mas passa logo para Deus com o passivo divino ou teológico «foi transfigurado» (*metemorphôthê*: aoristo passivo de *metamorphéô*) (Marcos 9,2). Não é narrada a figura de Jesus transfigurado. Apenas se fala das suas vestes brancas de uma brancura não terrena (Marcos 9,3). Fala-se também da «aparição» de Elias com Moisés (Marcos 9,4). Literalmente «fez-se ver» (*ôpthê*: aoristo passivo de *horáô*) autoîs) «a eles» (*autoîs*). Trata-se de um passivo intransitivo, isto é, são Moisés e Elias que se fazem ver. De per si, os nossos olhos não têm capacidade de ver tanto. Por isso também, aquele «a eles» é gramaticalmente chamado um dativo do beneficiário. É também desta maneira que são apresentadas as aparições de Deus no Antigo Testamento e as do Ressuscitado no Novo Testamento.

**4.** Em Marcos 9,5, Pedro reage a tanto ver. Mas o seu dizer não se ajusta ao contexto, é manifestamente desapropriado. Tendas terrenas não podem abrigar para seres celestes. Certeiramente, diz-nos o narrador, que «não sabia o que dizia» (Marcos 9,6).

**5.** E eis o clímax do relato, com a introdução de dois elementos divinos: a nuvem e a voz, símbolos respectivamente da presença velada de Deus e da sua transcendência (Êxodo 24,16). Da nuvem uma voz, a voz de Deus, o único que sabe dizer bem o que se passa: «Este é o Filho meu, o Amado» (Marcos 9,8). Notem-se duas pequenas diferenças em relação ao cenário do Baptismo. Aí, a voz de Deus provém do céu (não da nuvem), e dirige-se a Jesus, em 2.ª pessoa: «Tu és o Filho meu, o Amado» (Marcos 1,11). Aqui, a voz provém da nuvem, e dirige-se a nós, em 3.ª pessoa. É, portanto, a apresentação que Deus nos faz do Seu próprio Filho. Tanto que, acrescenta logo o imperativo: «Escutai-O» (Marcos 9,8). Com este divino dizer, o Pai vincula a Si o Seu Filho do modo mais profundo (Deus não se revela a si mesmo, como no Êxodo, mas revela o Filho!), e vincula-nos a nós também ao Seu Filho, sendo Ele a Palavra que devemos escutar todos os dias, a Pessoa a quem devemos prestar atenção todos os dias.

**6.** Eis-nos, portanto, outra vez a sós com Jesus (Marcos 9,8), que nos dá as suas ordens, não tanto negativas, mas sobretudo abrindo já outra vez prolepticamente os caminhos da Missão depois da Ressurreição (Marcos 9,9), com o assentimento e a meditação acerca do que seria ressuscitar já a borbotar dentro de nós (Marcos 9,10).

**7.** O Lição do Livro do Génesis 22,1-18 apresenta-nos a figura de Abraão, também ele vencedor da prova da sempre idolátrica **posse que se apega a nós e a que nós nos apegamos**. Na verdade, há ainda uma última posse de que Abraão tem de ser libertado: em relação a Abraão, o narrador insiste em chamar a Isaac «seu» filho (Génesis 22,3.6.9.10.13), e o próprio Abraão diz para Isaac «meu» filho (Génesis 22,7 e 8). Um refrão os reúne por duas vezes: «E iam os dois juntos» (Génesis 22,6 e 8). Ora, Isaac é o filho da promessa, é um dom, e um dom não é para se reter ou possuir. Segundo o dizer autorizado do anjo do Senhor que se faz ouvir dos céus por duas vezes, Abraão passa a prova exatamente porque «não retiveste o teu filho, o teu único, longe de mim» (Génesis 22,12 e 16). Não o reteve. Deu-o. Desapossou-se dele. Deu-o a Deus e deu-se a Deus na sua paternidade, «fazendo subir em holocausto», não um cordeiro (*seh*) (Génesis 22,7-8), mas um carneiro (*ʼayil*) (Gn 22,13). Neste episódio imenso, intenso e nebuloso, «nós podemos, todavia, compreender que, em vez de sacrificar Isaac, **Abraão deverá sacrificar a sua vontade de o possuir como propriedade: é esta vontade que é mortal**». Procedendo assim, Abraão é o anti-*Adam*. É preciso testemunhas desta libertação imensa, incrível, dramática, divina. São os dois jovens depositários do dizer de Abraão: «Vamos lá acima adorar, e voltaremos para vós» (Génesis 22,5. Importante dizer, dado que, após a ação de adoração lá em cima, o narrador dirá: «Voltou Abraão para os jovens» (Gn 22,19). Depositários de um dizer que afirmava o regresso de Abraão e Isaac, as duas testemunhas podem constatar agora, não o regresso dos dois, mas somente de Abraão. Lição de insuperável liberdade.

8. Outro imenso texto de São Paulo atravessa este Domingo II da Quaresma: Romanos 8,31‑34. «Deus entregou o seu Filho por nós» (Romanos 8,32). Eis o Desígnio (Mistério) de Deus anunciado no Antigo Testamento, realizado em Cristo, baptizado para a Morte, confirmado para a Morte, entregue por Deus à Morte. Nesta Morte Gloriosa fomos nós baptizados e confirmados com o Espírito Santo e com o fogo, e foi‑nos dado a conhecer esse Desígnio (Mistério conhecido!) (Romanos 16,25‑26; 1 Coríntios 2,7‑l0; Efésios 3,3‑11; Colossenses 1,26‑27). Desígnio (Mistério)de Deus anunciado, realizado, e dado a conhecer. A nossa missão filial baptismal é proclamá‑lo e testemunhá‑lo como o Apóstolo o proclama e testemunha.

António Couto